

Ludgero Pinto Basto nasceu no derradeiro ano da monarquia, em Vila Cova da Lixa, filho de um comerciante local e de uma professora primária. Fez parte de uma plêiade de homens que escreveram por diversas formas a crónica portuguesa do século passado, não virando costas aos acontecimentos que determinaram a História. A sua vida acompanhou empenhadamente todo o século XX e alguns dos seus momentos cruciais. Lutou contra a ditadura e aderiu ao PCP, onde era conhecido como o «militante nº 1», pela sua antiguidade no seio da organização. Apesar de ser um crítico, e mesmo quando a sua opinião foi obstinadamente contra directivas fundamentais da postura comunista internacional, manteve a fidelidade aos princípios que o faziam respeitado em todo o lugar. Enquanto médico, teve actividade ímpar de clínico e de organizador de vários serviços pioneiros. Faleceu no dia 22 de Maio, em Lisboa, onde vivia. Tinha 96 anos. A presente entrevista foi recolhida há anos, no âmbito do projecto audiovisual denomina-



O MÉDICO COMBATENTE

A última conversa de vida de Ludgero Pinto Basto, médico, membro com Cunhal da direcção do PCP, combatente na Guerra Civil de Espanha, crítico do estalinismo. Morreu em Maio, com 96 anos *ENTREVISTA DE ANTÓNIO LOJA NEVES*

participara no regicídio, não sei em que medida, mas acusaram-no disso. **Mas vai ser uma relação frustrante, fica decepcionado com uma institui-**

Apesar disso, consegue nas fileiras da maçonaria um porto de abrigo, o grupo Rebeldia.

Isso é já em Lisboa. A minha iniciação deu-se no

tifascista e activa.

Transparecia da actividade e pensamento dessa loja algum conhecimento e até a adesão a princípios marxistas...

mim quando estava no final do curso. Tive de optar entre fugir ou tentar acabá-lo. Na altura, a actividade da polícia era muito primitiva, e resolvi ar-

sa com uma certa frequência, por exemplo, foi o que me obrigou a fechar esse consultório. Estávamos em 1935.

Entra numa clandestinidade rigorosa... É isso que o faz sair do país?

Não. Vou para França no cumprimento de uma missão determinada pelo partido. Havia lá uma estrutura, a Associação dos Emigrados Portugueses, que tinha uma actividade antifascista e onde participavam muitos comunistas. O partido queria que ela fosse orientada por um camarada organizado pelo partido, e eu fui tratar disso. Entretanto, fui encarregado de ir a Espanha, não para participar na Guerra Civil mas para resolver problemas do partido, sobretudo por causa das ligações com o exterior, que se tinham tornado muito difíceis. Os fascistas ocupavam toda a fronteira portuguesa, do Algarve até ao Minho, de maneira que as nossas ligações com a Espanha tinham-se complicado. Além disso, como houve aqui uma série de prisões, estabeleceu-se certa suspeita da parte de organizações internacionais em relação ao partido. Era preci-

mesmo quando a sua opinião foi obstinadamente contra directivas fundamentais da postura comunista internacional, manteve a fidelidade aos princípios que o faziam respeitado em todo o lugar. Enquanto médico, teve actividade ímpar de clínico e de organizador de vários serviços pioneiros. Faleceu no dia 22 de Maio, em Lisboa, onde vivia. Tinha 96 anos. A presente entrevista foi recolhida há anos, no âmbito do projecto audiovisual denominado «Anarquistas, Vermelhos e Viriatos», e até agora mantida inédita.

A sua relação com os problemas sociais dá-se nos primeiros tempos da universidade?

Já tinha fortes convicções anteriores, por influência familiar. O meu pai faleceu quando eu tinha cinco anos, a minha mãe foi quem me educou, e o meu avô materno foi um indivíduo que se suicidara para não ser preso pela polícia no tempo da monarquia, pois era maçom.

Foi essa história familiar que o levou a aproximar-se da maçonaria?

Influenciou bastante. Esses factos incutiram-me respeito e admiração pela organização. O meu avô

COMBATENTE

A última conversa de vida de Ludgero Pinto Basto, médico, membro com Cunhal da direcção do PCP, combatente na Guerra Civil de Espanha, crítico do estalinismo. Morreu em Maio, com 96 anos ENTREVISTA DE ANTÓNIO LOJA NEVES

participara no regicídio, não sei em que medida, mas acusaram-no disso. **Mas vai ser uma relação frustrante, fica decepcionado com uma instituição que é um saco onde cabem muitos gatos, como já me disse...**

Nessa altura ainda não tinha essa noção, merecia-me respeito, conhecia as actividades francamente progressistas desenvolvidas durante a monarquia. A minha experiência directa com a maçonaria é que veio a causar-me uma impressão péssima, não só pela maneira como foi discutida a minha iniciação, na assembleia em que compareci de olhos vendados, como pelas posições que tomaram aquelas pessoas durante a discussão, e depois ao reconhecer entre os membros da loja indivíduos que eu tinha por pouco recomendáveis.

Apesar disso, consegue nas fileiras da maçonaria um porto de abrigo, o grupo Rebeldia.

Isso é já em Lisboa. A minha iniciação dera-se no Porto, e estava para desligar-me quando, por relacionamento com colegas da universidade, tomei contacto com a loja Rebeldia. Apercebi-me de que era diferente, tínhamos ali uma actividade e uma atitude política e filosófica radicalmente distante da dos maçons do Porto que eu conhecera. Um aspecto fundamental foi o nosso apoio à revolução da Madeira. Não cheguei a tempo de tomar parte activa na preparação, associei-me depois, mas outros estavam totalmente integrados e deram o seu apoio à revolução que tinha por objectivo derrubar a ditadura. Isso assegurou-me sobre ser a Rebeldia uma instituição an-

tifascista e activa.

Transparecia da actividade e pensamento dessa loja algum conhecimento e até a adesão a princípios marxistas...

Havia membros que estavam ligados ao Partido Comunista, não sei se seriam filiados, mas trabalhavam sob a sua influência.

Foi o primeiro passo para a sua adesão ao partido?

Foi essencial para o meu entendimento prático com essa área. Passo ao Partido Comunista porque já tinha uma posição ideológica coincidente, embora não fosse seu membro tinha uma postura marxista. As circunstâncias da altura levaram-me a participar imediatamente na actividade política clandestina.

Finalista de Medicina, fará os últimos exames já na «clandestinidade»...

A polícia emitiu um mandado de captura contra

mim quando estava no final do curso. Tive de optar entre fugir ou tentar acabá-lo. Na altura, a actividade da polícia era muito primitiva, e resolvi arriscar fazer os exames na primeira época. Se não fosse naquela altura não sabia quando poderia voltar a fazê-los.

Entra na clandestinidade com o canudo debaixo do braço!

Sim, sim... Mas cheguei a abrir consultório no bairro da Penha de França, em Lisboa, tendo um mandado de captura da PVDE (a primeira polícia política do Estado Novo), e aí trabalhei mais de um ano! Não dei um nome falso, isso seria perigoso, fui buscar os dois nomes do meio do meu próprio nome, Eugénio Pinto. Exerci assim a minha actividade. A observação de certas regras conspirativas, ter de mudar de ca-

Guerra Civil mas para resolver problemas do partido, sobretudo por causa das ligações com o exterior, que se tinham tornado muito difíceis. Os fascistas ocupavam toda a fronteira portuguesa, do Algarve até ao Minho, de maneira que as nossas ligações com a Espanha tinham-se complicado.

Além disso, como houve aqui uma série de prisões, estabeleceu-se certa suspeita da parte de organizações internacionais em relação ao partido. Era preciso pôr tudo em pratos limpos, e eu fui destacado para isso. Quando terminei essa missão é que me propus, enquanto médico, integrar as Brigadas Internacionais, o que não me foi permitido. Nessa altura, o governo socialista era controlado por indivíduos anticomunistas e que tinham como preocupação essencial impedir que os comunistas tomassem conta do movimento republicano espanhol. Exerciam uma vigilância apertada para não deixarem que a nossa gente tomasse lugares preponderantes. **Nessa altura estava em Barcelona. Em que ano?** Em 1938.

A guerra termina em meados de 1939. Era já a

fase de declínio das forças republicanas, o refluxo que levaria à derrota.

Quando entrei em Espanha, não se sentia esse clima, porque o território republicano se apresentava unido, nenhuma separação se tinha dado por efeito dos cortes provocados pelo avanço das tropas fascistas, como sucedeu depois. Havia uma perspectiva muito favorável. Mas enquanto lá estive a situação foi-se degradando. Quem estava lá dentro não se apercebia de muita coisa, pois as autoridades republicanas não iam desmoralizar o povo contando as suas fraquezas! Mas tudo se foi agravando. A separação das Vascongadas primeiro, depois a quebra da ligação entre Valência e Barcelona. Eu estava convencido de que se chegaria a bom termo, mas quando saí as coisas eram diferentes. Os próprios dirigentes da Internacional esclareceram-me a situação de forma franca.

O que é que foi crucial para se dar a derrocada?

Sem dúvida que uma série de insucessos militares conduziu a uma grande descrença. As pessoas iam vendo que as coisas corriam mal. Mas acho

mental da perda da guerra: a falta de entendimento. **Isso detectava-se no dia-a-dia?**

Ah, claro! Há uma história que se passou comigo que é exemplo disso. Exercia-se uma certa espionagem entre os grupos políticos. Fui um dia chamado à camarada Berta, uma comunista alemã casada com um general e que nessa altura desempenhava um papel relevante em Espanha. Aperceberam-se que eu tinha andado a passear uma noite inteira com um anarquista albanês e julgaram que eu estaria em colaboração com ele. Expliquei-lhe o que se tinha passado, e a minha franqueza é que me safou. Ela lá se convenceu, mas inicialmente estava convencida que eu andava feito com os anarquistas, que nessa altura exerciam uma actividade francamente inconveniente em Espanha contra os outros grupos do lado republicano.

O que é que se tinha passado na realidade?

Ele contou-me que iam fazer explodir as casas de espectáculos de Barcelona, porque se opunham a uma certa medida tomada pelo governo. Consegui convencê-lo de que isso era uma barbaridade.

ram comigo várias vezes sobre a eventualidade de acções aqui em Portugal, para o derrube da ditadura, que nunca consumaram. Muitos republicanos, aqui em Portugal, apoiavam Os Budas, embora não fosse uma organização de massas. Mas tinham apoios, nomeadamente na tropa. E, como

tinham dinheiro, chegavam a apoiar financeiramente compatriotas de outras facções. As relações que mantinham com o partido eram cordiais, não tiveram dúvida nenhuma em conversar comigo sobre muitos problemas da política portuguesa.

Mas havia menosprezo por parte de dirigentes

do PCP em relação aos Budas...

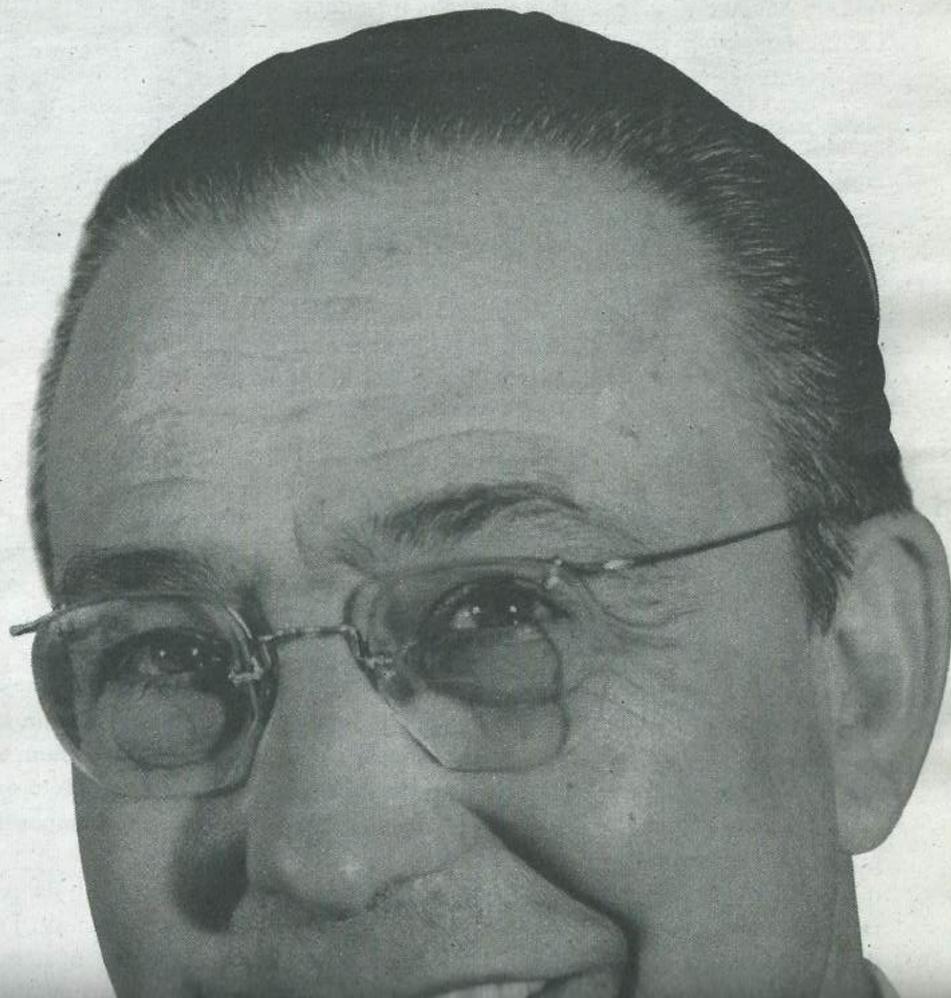
É verdade. Dentro do partido havia pessoas que não confiavam neles e a quem não parecia boa ideia fazer trabalho conjunto. Mas, de uma maneira geral, até mesmo a direcção do partido aceitou até certo ponto a colaboração com Os Budas.

Depois disso desfez-se.

Com que opinião ficou de Jaime Cortesão?

Era um progressista, sinceramente antifascista, bem como o Jaime Morais. Estavam empenhados na luta para derrubar a ditadura, não há dúvida nenhuma.

E que memória guarda do capitão Pio, um >>



quezas! Mas tudo se foi agravando. A separação das Vascongadas primeiro, depois a quebra da ligação entre Valência e Barcelona. Eu estava convencido de que se chegaria a bom termo, mas quando saí as coisas eram diferentes. Os próprios dirigentes da Internacional esclareceram-me a situação de forma franca.

O que é que foi crucial para se dar a derrocada?

Sem dúvida que uma série de insucessos militares conduziu a uma grande descrença. As pessoas iam vendo que as coisas corriam mal. Mas acho que os insucessos se deviam sobretudo às diver-

tinha passado, e a minha franqueza é que me safou. Ela lá se convenceu, mas inicialmente estava convencida que eu andava feito com os anarquistas, que nessa altura exerciam uma actividade francamente inconveniente em Espanha contra os outros grupos do lado republicano.

O que é que se tinha passado na realidade?

Ele contou-me que iam fazer explodir as casas de espectáculos de Barcelona, porque se opunham a uma certa medida tomada pelo governo. Consegui convencê-lo de que isso era uma barbaridade. A Berta lá me mandou embora, senão poderia

«CHEGUEI A ABRIR CONSULTÓRIO NO BAIRRO DA PENHA DE FRANÇA, EM LISBOA, TENDO UM MANDADO DE CAPTURA DA PVDE (A PRIMEIRA POLÍCIA POLÍTICA DO ESTADO NOVO), E AÍ TRABALHEI MAIS DE UM ANO»

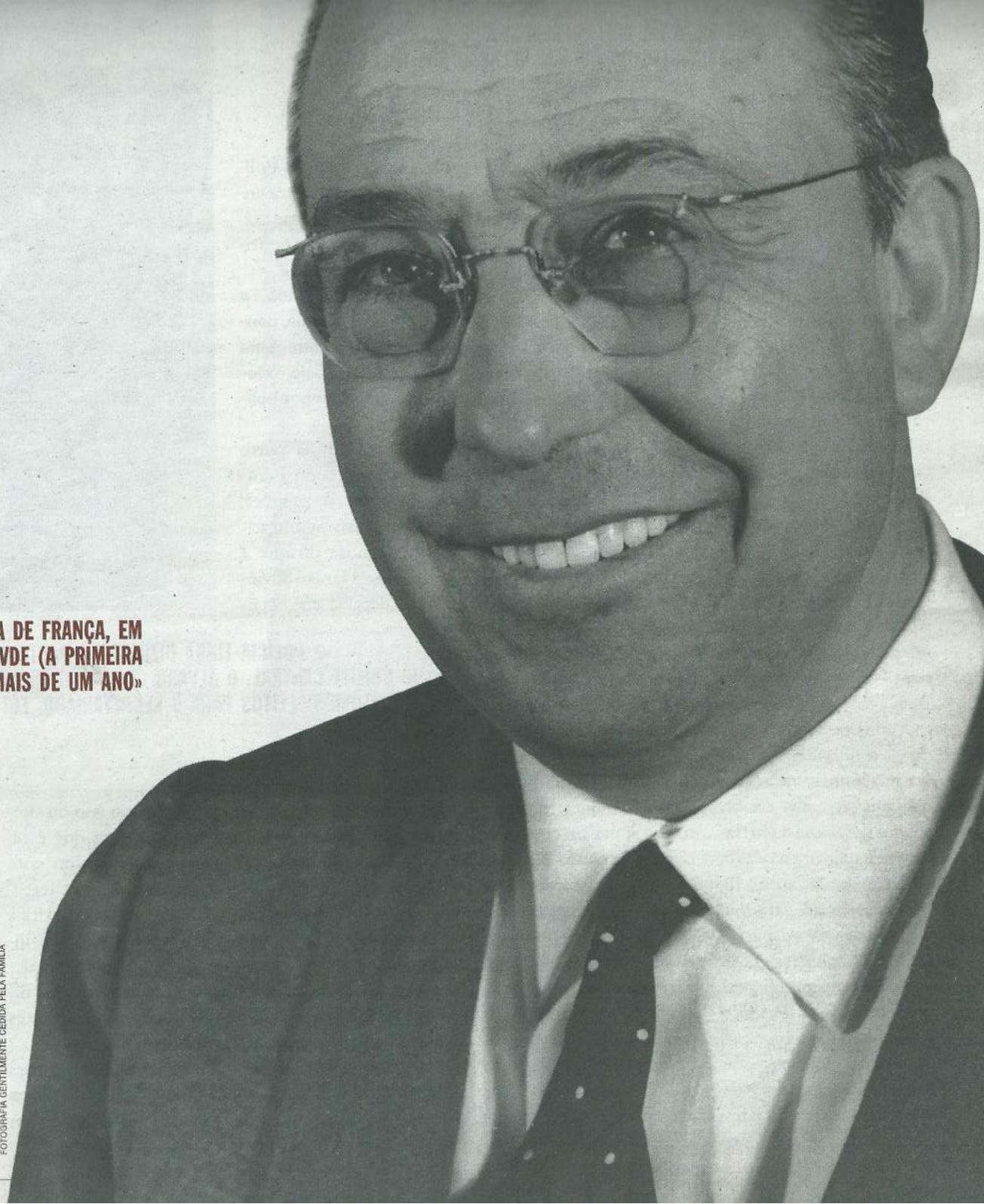
gências entre as forças republicanas. Os comunistas eram acusados de serem os responsáveis, o que não era verdade, pois todos tiveram a sua parcela de responsabilidade nos acontecimentos. Em dada altura, anarquistas, socialistas e comunistas tinham mais cuidado em defenderem-se dos outros grupos antifascistas do que em relação aos fascistas. Essa foi a causa funda-

ter ido dali para a cadeia, sem mais, acusado de relação com os anarquistas.

E com os portugueses? Chegou a ter contactos regulares com o conhecido grupo Os Budas.

Mantinha relações com outros portugueses, realmente. Havia Os Budas, em Barcelona. Faziam de parte o Jaime Morais, o Jaime Cortesão e um advogado de que não me lembro o nome. Conversa-

FOTOGRAFIA GENTILMENTE CEDIUA PELA FAMÍLIA



>> **oficial português caído no esquecimento mas que teve um papel muito importante como estratega na Guerra Civil?**

Era um republicano que depois se filiou no Partido Comunista espanhol. Estava em Madrid refugiado e pôs-se incondicionalmente ao serviço do governo republicano para efeitos militares, visto que era oficial do Exército. Desempenhou papel importante, decisivo, na defesa de Madrid. E conseguiu, aquilo durou... anos. Apesar de todas as facilidades do Mussolini e do Hitler — e também

de ainda o encontrei, integrado nos princípios marxistas. Morreu quando estava para embarcar de regresso a Portugal, após o 25 de Abril.

Lembra-se de mais algum português que tenha sido realmente importante em Espanha?

Não, assim importante não.

Foi comissário político das Brigadas Internacionais...

Não foi propriamente isso... Fui designado para o comissariado das Brigadas, numa altura em que a situação era já complicada. Foi aí que tive contac-



«(EM ESPANHA) ANARQUISTAS, SOCIALISTAS E COMUNISTAS TINHAM MAIS CUIDADO EM DEFENDEREM-SE DOS OUTROS GRUPOS ANTIFASCISTAS DO QUE EM RELAÇÃO AOS FASCISTAS»

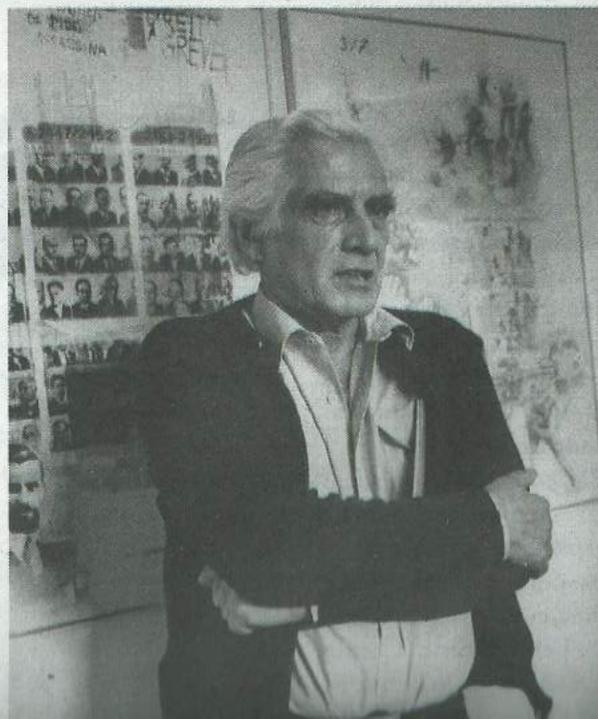
do Salazar... —, os fascistas não conseguiam. O Pio exerceu papel crucial também na formação do exército popular. Foi ele que incutiu a ideia de que as milícias não podiam cumprir a missão militar que lhes estava atribuída, que a guerra obedecia a regras e que a boa vontade e o sacrifício não chegavam. Convenceu as autoridades de que era necessário criar o tal exército po-

to com o André Marty. Esse camarada, depois, foi acusado, em França, de colaborar com os fascistas e foi expulso do PCF. Foi uma coisa horrível, pois ele era um lutador desde muito jovem. Engenheiro naval, fizera parte da revolta dos marinheiros do mar Negro, nos barcos de guerra franceses mandados para atacar a Rússia, e depois de uma vida de luta foi acusado. Foi

dias no Secretariado Político, onde estive para entrar, e que era responsável pela orientação política da instituição.

Quando analisamos a derrota republicana, confrontamo-nos com uma diferença de apoio exterior aos dois campos beligerantes.

A intervenção da parte dos partidários do Franco, italianos e alemães, era muito mais significati-



de oficiais portugueses que foram ajudar Franco. Era altamente improvável que aquele grupo que tinha desembarcado no sul do território ocupasse toda a extensão da fronteira a oeste e conseguisse uma ligação às forças sublevadas no norte, sobretudo na Galiza.

Havia a noção de que uma Espanha republicana era algo de muito incómodo no «status quo» político internacional?

Ah, sim! O mundo capitalista tinha bem a no-

de dos emigrantes. Teve vários em de trabalho com ti. Que impressões ele lhe causou? Era um homem forte. Tanto ele como a cavalaria tinham na sua altura uma posição de destaque, mas as minhas saudades com um e com o outro eram absolutamente

«AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO TARI... O QUE É...»



ção disso. Tinha um grande receio. Achava — e com boa razão — que aquilo era muito impor-

rentes! O Togliatti, um político de grande categoria, tinha um

«(EM ESPANHA) ANARQUISTAS, SOCIALISTAS E COMUNISTAS TINHAM MAIS CUIDADO EM DEFENDEREM-SE DOS OUTROS GRUPOS ANTIFASCISTAS DO QUE EM RELAÇÃO AOS FASCISTAS»

do Salazar... —, os fascistas não conseguiam. O Pio exerceu papel crucial também na formação do exército popular. Foi ele que incutiu a ideia de que as milícias não podiam cumprir a missão militar que lhes estava atribuída, que a guerra obedecia a regras e que a boa vontade e o sacrifício não chegavam. Convenceu as autoridades de que era necessário criar o tal exército popular republicano. O famoso V Regimento foi organizado por ele.

Como é que a História apaga uma personagem dessas?

Bom... sabe... no meio disto tudo há sempre uma certa confusão. E o Pio era um homem de acção, que não se punha em bicos dos pés. Fazia o seu trabalho de maneira modesta e pouco espalhafatosa. Isso é uma razão para que não apareça — e eu acho que é uma injustiça grave. Quando o encontrei pela primeira vez ele tinha sido ferido por um estilhaço numa perna e ainda coxeava. Depois ficou lá até ter de fugir para o norte de África, e daí para o Brasil, on-

to com o André Marty. Esse camarada, depois, foi acusado, em França, de colaborar com os fascistas e foi expulso do PCF. Foi uma coisa horrorosa, pois ele era um lutador desde muito jovem. Engenheiro naval, fizera parte da revolta dos marinheiros do mar Negro, nos barcos de guerra franceses mandados para atacar a Rússia, e depois de uma vida de luta foi acusado. Foi algo trágico, pois era uma pessoa de certa idade e ficou numa posição que deve ser muito difícil de suportar; a sua vida e as suas relações estavam no partido, a cuja direcção tinha, aliás, pertencido durante muito tempo. Quanto a mim, era um indivíduo completamente insuspeito. Na altura em que eu estive em Espanha ele era o comissário político das Brigadas Internacionais. **E nas Brigadas Internacionais contactou com portugueses?**

Ah, bom. Aí, sim, parece que houve portugueses importantes na estrutura militar das Brigadas, mas não contactei com os militares, só convivi uns

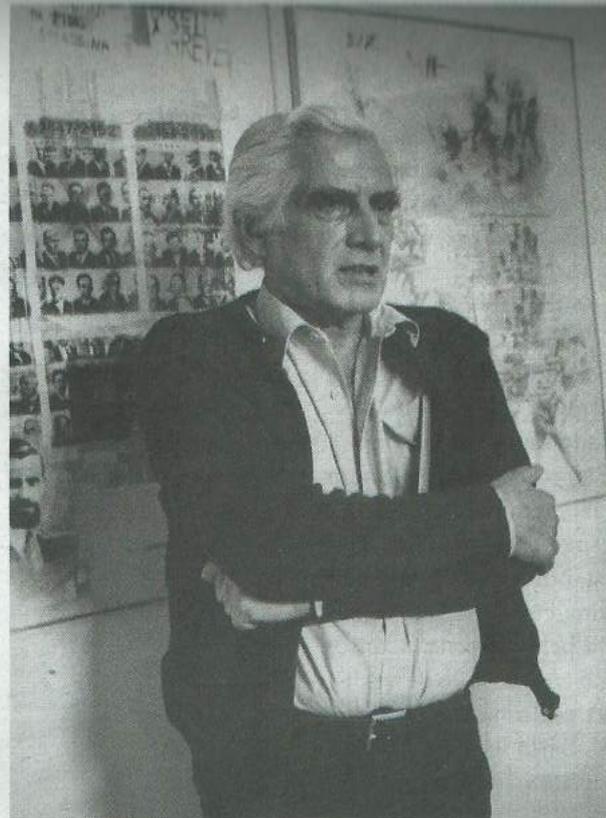
dias no Secretariado Político, onde estive para entrar, e que era responsável pela orientação política da instituição.

Quando analisamos a derrota republicana, confrontamo-nos com uma diferença de apoio exterior aos dois campos beligerantes.

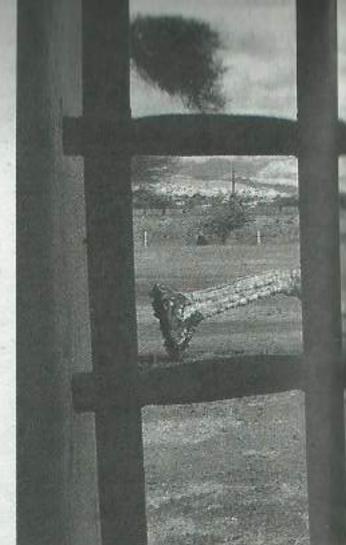
A intervenção da parte dos partidários do Franco, italianos e alemães, era muito mais significativa e volumosa do que a que vinha da União Soviética. E depois, em Espa-

«A POLÍCIA TINHA DIZIMADO O PARTIDO E, NUMA REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL, O ÁLVARO CUNHAL, O FRANCISCO MIGUEL E EU FOMOS ELEITOS PARA O SECRETARIADO. FOI EM FINS DE 1938»

nha, repetia-se a história das lutas internas, e o Partido Comunista Soviético exercia uma actividade mais no sentido de combater os chamados trotsquistas, que para eles eram do pior que havia. E alguns, que eram revolucionários sinceros, foram executados, fuzilados, por influência dessa ideia antitrotsquista. Nunca soube se eles



RUI OCHOA



ção disso. Tinha um grande receio. Achava — e com boa razão — que aquilo era muito importante e jogou tudo por tudo, de diversas formas, incluindo a farsa da não intervenção.

O seu regresso dá-se, do ponto de vista da Internacional, por ser mais importante em Portugal do que no cenário da Guerra Civil?

Tinha havido prisões, e o partido tinha ficado muito desfalcado de quadros. Tanto o Codovila como o Togliatti eram de opinião que a minha presença era mais útil cá. Eu já não estava a fazer nada em Espanha, e em França havia pessoas que me podiam substituir, como a professora Maria Machado, que era delegada junto do partido francês e da activida-

eram mesmo isso ou simples indivíduos que estavam em desacordo com Estaline. Essa luta feroz, que foi sobretudo crítica na Catalunha, teve influência negativa no decorrer da guerra, criou dificuldades importantes na retaguarda.

E o apoio do Estado português? Em documentos e livros de História é muito pouco referido.

Mas teve uma importância decisiva. Permitiu que os fascistas estabelecessem uma retaguarda segura. Nunca teriam ocupado toda a linha de fronteira terrestre com Portugal nem avançado sobre Madrid. Só começaram a avançar com o aprovisionamento de armas e munições que passava pelo nosso território, para não falar da própria presença

de dos emigrantes.

Teve vários encontros de trabalho com Togliatti. Que impressão é que ele lhe causou?

Era um homem fora de série. Tanto ele como o Codovila tinham naquela altura uma posição análoga, mas as minhas conversas com um e com outro eram absolutamente dife-

lhante. Naquela época, eu não sabia quem ele era, só vim a saber uma data de anos depois, quando vi o retrato dele. Então, ele era simplesmente o camarada Alfredo.

Por que razão foi o PCP acusado de prestar pouco apoio aos republicanos espanhóis durante a guerra?

pondia que roubando um barco, o que era bom de dizer, mas não de fazer, num país que vivia sob uma ditadura férrea, cuja severidade se agravou durante a guerra de Espanha. Era impossível estar a juntar vinte ou trinta homens que fosse e roubar um barco. Mesmo que conseguissem sair com o

«AS CONDIÇÕES DE VIDA, TANTO EM ANGRA COMO NO TARRAFAL, ERAM MUITO MÁS. EM ANGRA, O QUE ERA TERRÍVEL ERA O ISOLAMENTO COMPLETO»



barco para o mar eram caçados logo adiante!

Essa tensão sobe à própria Internacional...

Ah, pois foi! Isso teve muita influência na posição da organização em relação ao partido. Começou a estabelecer-se a ideia, no seio da Internacional, de que o nosso partido estava dominado por provocadores. Daí a maneira como foi recebido o Pavel quando chegou a França. Só porque a sua fuga da cadeia foi considerada por eles como inverosímil... Ora eu

«AS CONDIÇÕES DE VIDA, TANTO EM ANGRA COMO NO TARRAFAL, ERAM MUITO MÁS. EM ANGRA, O QUE ERA TERRÍVEL ERA O ISOLAMENTO COMPLETO»



SÉRGIO GRANADEIRO

rentes! O Togliatti era um político de grande categoria, tinha uma visão do panorama político do mundo profundamente correcta e realista, enquanto o outro era um fantasista. Foi ele quem entendeu de imediato a nossa posição quando fomos acusados de não apoiarmos convenientemente os camaradas espanhóis. Ora, vivíamos debaixo de uma ditadura feroz, o governo estava francamente do lado dos insurrectos, e nós nem tínhamos contacto com a fronteira terrestre, não podíamos exercer qualquer actividade no sentido de auxiliar o governo republicano. Nessa altura, a situação do mundo era difícil de avaliar, mas o Togliatti tinha uma capacidade de análise bri-

As conversas que eu mantive a esse respeito — não só com o Vittorio Codovila, da Internacional, como também com a Pasionaria, a Dolores Ibaruri — foram desoladoras. Ela também achava que nós devíamos apoiar mais, mas nós não podíamos materialmente ajudar. Os dirigentes espanhóis e alguns internacionais consideravam que o PCP era uma entidade que não se interessava pela guerra de Espanha.

O que é que uma pessoa como Dolores Ibaruri entendia que devia ser o apoio do PCP?

Mais homens e armas, sobretudo mais homens. Eu retorquia: como é que acha que podemos fazer deslocar esses homens, com a fronteira no estado em que está? E ela res-

barco para o mar eram caçados logo adiante!

Essa tensão sobe à própria Internacional...

Ah, pois foi! Isso teve muita influência na posição da organização em relação ao partido. Começou a estabelecer-se a ideia, no seio da Internacional, de que o nosso partido estava dominado por provocadores. Daí a maneira como foi recebido o Pavel quando chegou a França. Só porque a sua fuga da cadeia foi considerada por eles como inverosímil... Ora eu sei que não foi assim, porque entrei no processo.

Então, como se passaram as coisas?

Aconteceu que havia um rapazinho que tinha entrado há pouco tempo para guarda do Aljube... Ele não era fascista, nem coisa que o pareça, e até já tinha colaborado com as nossas juventudes cá fora. Foi fácil criar uma relação entre ele e o Pavel e prepararem, em conjunto, a saída. De convívência com um carcereiro é fácil. Fugiram três: o Pavel, o «Patas Longas» — era um pseudónimo, já não sei o seu nome — e o jovem guarda. Ora isto foi apresentado como sendo uma coisa inverosímil, nomeadamente por um indivíduo português que lá estava e que era pouco recomendável, de pseudónimo «Amaral» e de nome Magalhães, que >>

>> depois foi preso pela PIDE e bandeou-se completamente com a polícia... Membro do PCP, tinha sido delegado português na Internacional e estava nessa altura em França. Mas pretendia regressar a Portugal e tomar conta da direcção do partido e via no Pavel um rival directo. Foi ele que levantou a ideia de que a fuga era suspeita. Ora eu sei perfeitamente que não era. Foi montada e executada pelo partido, o próprio carro que foi buscá-lo era conduzido por uma pessoa que estava intimamente ligada ao partido, o advogado Inácio Fiadeiro. Mercê dessa desconfiança, o Pavel foi recebido em França como um provocador e ficou tramado, pois não tinha meios de sobrevivência. Finalmente, acabou por fugir integrado num grupo de franceses quan-

do foi da invasão das tropas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, indo para o México. O factor decisivo para a situação que veio a recair sobre o partido foi a história do Pavel. Durante muitos anos houve um corte de relações entre o PCP e a Internacional. **Numa das suas estadas em Paris teve por missão**



O livro traduzido por Lúgero Pinto Basto foi, por coincidência, posto à venda pela Terramar no dia em que o velho combatente faleceu

apoiar o grupo que editava o jornal «Unir», publicado sob a égide da Associação de Emigrantes Portugueses. Quem é que trabalhava lá?

Para além dos associados, a maioria eram operários que viviam em Paris, também o Lopes Graça, o José Neves e o Emídio Guerreiro, que nessa altura era militante do Partido Comunista Francês, como todos eles que estavam a viver lá. O Lopes Graça não era do PCF, entrou para o nosso partido depois.

Regressa a Portugal de barco, clandestinamente, para assumir responsabilidades na direcção do partido...

Tinha havido uma razia, a polícia tinha dizimado o partido, e numa reunião do Comité Central fomos eleitos para o Secretariado. Foi em fins de 1938. O Secretariado era

o Álvaro Cunhal, o Francisco Miguel e eu. Durou até sermos presos.

Tanto Álvaro Cunhal como o senhor tinham estado nos cenários da guerra, por isso certamente que a situação na Península era profundamente tratada...

Claro. Tínhamos inicialmente uma posição optimista, mas depois o pessoal desanimou. E então quando se deu a revolta de Madrid, levada a cabo pelo PSOE e pelos anarquistas, foi tudo abaixo.

Qual foi o eco que tiveram aqui dessa revolta armada, com confrontos a ocorrer entre socialistas e anarquistas contra comunistas?

Tivemos a noção clara do que fora aquilo. Uns tipos que eram fiéis à revolução espanhola bateram-se valentemente pela defesa de Madrid e foram dizimados nesses



confrontos mortíferos.

Vai ser preso a 1 de Dezembro de 1939... E conhecerá várias prisões...

Estive na sede da polícia política e depois fui posto no isolamento num daqueles curros do Aljube, umas celas pequenas e sem iluminação nenhuma. Isolamento completo. Só por meios clandestinos é que conseguíamos comunicar às vezes. Sem recreio. Vinte e quatro horas fechado. O Francisco Miguel esteve seis meses encarcerado num quarto sem nenhuma iluminação, ficando a padecer por falta de raios solares. Dali fui para Caxias, e no-

vamente para o Aljube e para Caxias, até ser deportado para Angra do Heroísmo.

De entre os vários episódios que nos contou dessa prisão tenebrosa há um que gostaríamos de relembrar pela sua carga simbólica: a visita do padre Cruz ao «Castelinho», no seu afã de evangelizar os detidos...

O padre Cruz era um homem sinceramente crente e tinha a preocupação de ganhar adeptos para a sua religião. Um dia foi visitar-nos. Havia camaradas que não queriam que os recebêssemos. Eu opus-me a isso. Era uma malcriação absolutamente



«DEPOIS FORAM OS FAMIGERADOS PROCESSOS DE MOSCOVO, A GOTA QUE ME FEZ TRANSBORDAR A PACIÊNCIA»

te dispensável, o homem vinha visitar-nos, não tínhamos mais nada a fazer do que agradecer-lhe o facto e ouvi-lo, se ele não viesse com intenção de fazer provocações de ordem política. Acabei por obter a anuência de todos e fomos esperá-lo à porta. O padre Cruz, quando chegou, começou por dizer que vinha visitar-nos porque tinha já visitado outros que estavam presos por razões políticas e que nos tinha em muita consideração, porque presos havia-os de várias naturezas, e o próprio Jesus Cristo tinha sido preso. Nessa altura, o guarda agarrou-o por um

braço e levou-o lá para fora, sem ais, e acabou-se a visita, acabou a conversa! **A capacidade de resistência era um factor importante quando se era preso nesse tempo...**

Nem todos conseguiam resistir, muitos presos políticos comunistas e não comunistas morreram de baixo de tortura ou em consequência da prisão. As condições de vida, tanto em Angra como no Tarrafal, eram muito más. Em Angra, o que era terrível era o isolamento

completo. Não podíamos falar a não ser com as pessoas da nossa caserna. E havia presos que estavam isolados, não falavam com ninguém! Anos a fio! Estavam inteiramente sozinhos, sem espécie nenhuma de ocupação, ali naqueles buracos, sem ter nada para fazer.

E então havia quem não suportasse tudo isso e acabasse por baquear frente à polícia...

O partido, durante muito tempo, foi de uma severidade talvez excessiva,

porque não havia razão para eliminar quem fraquejava perante a tortura. Embora não os admitisse enquanto membros, podiam sem dúvida ser colaboradores noutra di-

menção. Como, aliás, aconteceu mais tarde. Mas durante anos a fio nem pensar! Hoje há camaradas que estão em lugares de direcção, ou pelo menos em funções de destaque, como as de deputado, que estiveram afastados do partido por causa das suas declarações na polícia.

Esses aspectos da vida partidária, e outros, como as purgas, foi o que o distanciou do partido?

Nunca abandonei o partido. Mantive uma estima

grande com camaradas com quem polemizei sobre estes temas e outros. Comecei por presenciar essas atitudes na guerra de Espanha. Depois confrontei-me com isso na prática continuada de vários partidos comunistas. Conte o exemplo de André Marty, um homem exemplar que mesmo depois da injustiça da expulsão sempre defendeu que nas eleições deviam votar no candidato do PCF. Depois foram os famigerados processos de Moscovo, a gota que me fez transbordar a paciência... Dezenas e dezenas de companheiros de Lenine são vilipendiados, presos, julgados, e tantos perdem a vida... É então que con-testo essa forma de resolver as dissensões no seio dos partidos.

Mantém ainda hoje uma postura crítica em relação ao PCP por causa de ati-

tudes que podemos considerar similares a essas?

Exactamente. O franco debate de ideias é o cimento essencial da vida de uma organização comunista. Calar a palavra dos que se questionam não leva a nada de positivo. Estou a traduzir um surpreendente livro sobre Bukarine, militante comunista em 1938, na União Soviética, e reabilitado ainda antes de esta ter sido desmantelada. É um trabalho póstumo de reparação da sua memória realizado pela sua viúva, um brilhante libelo contra as injustiças, a mentira no tempo de Estaline. Ali se percebe o mal que determinadas decisões fizeram ao conjunto do movimento comunista e dos seus ideais. Não é apenas o horror da injustiça, do opróbio e das mortes, é também a nefasta herança que nos deixou.